

O SERIADO CHAVES E A QUESTÃO URBANA: EXCLUSÃO, PERIFERIZAÇÃO E CONFLITO DE CLASSES

Júlio Cesar Meira¹

Resumo: Este texto propõe investigar o processo de periferização na cidade do México a partir da segunda metade do século XX, a partir da análise do seriado Chaves. Parte-se de duas interpretações. Em primeiro lugar, que esse processo de favelização e periferização foi parte da expansão urbana e industrial, na qual os mais pobres, os trabalhadores, ficaram à margem. Luta de classes, especulação imobiliária, concentração de renda, são alguns dos sintomas que geraram grandes massas de excluídos, que se concentraram em regiões precárias e distantes dos centros urbanos e econômicos, ainda que servindo de mão de obra a alimentar esse sistema. Em segundo lugar, que a exclusão e periferização pode se dar também no campo social, mesmo que convivendo os excluídos e privilegiados lado a lado ou no mesmo espaço. O recorte temporal, como apontado acima, abrange o período da segunda metade do século XX, com ênfase para a década de 1970.

Palavras-chave: História. Urbanização. Exclusão. Desigualdade Social.

THE CHAVES SERIES AND THE URBAN QUESTION: EXCLUSION, PERIPHERALIZATION AND CLASS CONFLICT

Abstract: This text proposes to investigate the process of peripherization in the city of Mexico from the second half of the twentieth century, from the analysis of the TV series Chaves. There are two interpretations. In the first place, this process of slumming and peripherization was part of the urban and industrial expansion, in which the poorest, the workers, remained on the sidelines. Class struggle, real estate speculation, income concentration are some of the symptoms that have generated large masses of the excluded, who have concentrated in precarious and distant regions of urban and economic centers, even though they serve as labor to feed this system. Secondly, that exclusion and peripheralization can also occur in the social field, even if coexisting the excluded and privileged side by side or in the same space. The temporal cut, as pointed out above, covers the period of the second half of the twentieth century, with an emphasis on the 1970s.

Keywords: History. Urbanization. Exclusion. Social Inequality.

EL SERIADO CHAVO DEL OCHO Y LA CUESTIÓN URBANA: EXCLUSIÓN, PERIFERIZACIÓN Y CONFLICTO DE CLASES

Resumen: Este texto propone investigar el proceso de periferización en la ciudad de México a partir de la segunda mitad del siglo XX, a partir del análisis del seriado Chavo del Ocho. Se parte de dos interpretaciones. En primer lugar, que ese proceso de favelización y periferización fue parte de la expansión urbana e industrial, en la que los más pobres, los trabajadores, quedaron al margen. La lucha de clases, especulación inmobiliaria, concentración de ingresos, son algunos de los síntomas que generaron grandes masas de excluidos, que se concentraron en regiones precarias y distantes de los centros urbanos y económicos, aunque sirviendo de mano de obra para alimentar ese sistema. En segundo lugar, que la exclusión y periferización puede darse también en el campo social, aunque conviviendo a los excluidos y privilegiados lado a lado o en el mismo espacio. El recorte temporal, como apunta arriba, abarca el período de la segunda mitad del siglo XX, con énfasis para la década de 1970.

Palabras clave: Historia. Urbanización. La exclusión. Desigualdad social.

1. Introdução

O seriado Chaves, obra do escritor, ator, diretor e produtor mexicano Roberto Bolaños, se tornou um fenômeno de alcance continental desde sua estreia, no início da década de 1970, tendo sido distribuído para vários países, entre os quais o Brasil, no início da década de 1980, onde encontrou seu maior público.

De acordo com Michael Bahr (2013), foi na *Televisión Independiente de México* (TIM), rede de televisão regional mexicana que após 1973 passou a compor o conglomerado de comunicação *Televisa*, que Roberto Bolaños começou, inicialmente como produtor, roteirista e diretor de programas e esquetes, eventualmente atuando também como ator. No ano de 1968 criou o primeiro personagem importante que interpretou, Chespirito, que acabou dando nome ao seu programa semanal e com o qual adquiriu fama e se consolidou como ator cômico. Pouco tempo depois, em 1970, criou *El Chapulín Colorado* (Chapolim Colorado); em 1971 surgiu o maior de seus sucessos – e, possivelmente, o maior sucesso da televisão mexicana em todos os tempos – *El Chavo del Ocho* (Chaves)².

¹ Doutor em História, professor da Universidade Estadual de Goiás. Email: juliohistoriador@gmail.com.

² Ao contrário de outros autores, Bahr (2013) defende que a expressão “del ocho” (do oito) não é uma referência à casa nº 8 da vila, onde o personagem moraria; seria apenas uma referência ao canal 8, que era o canal da TIM. O seriado, oficialmente, teve 277 episódios e 7 temporadas, entre o início de 1973 e 1980. Porém antes disso, entre 1971 e 1972, ainda na TIM, o personagem Chaves fazia parte do programa Chespirito, como uma esquete curta. No total, foram pouco mais de 290 episódios, contando com esse início.

Todos os personagens criados por Bolaños tiveram excelente aceitação popular, principalmente Chaves, contribuindo de forma decisiva para a criação de um mercado internacional para a teledramaturgia mexicana posteriormente. É essa a interpretação de Bahr (2013), que sustenta que foram “os programas *El Chapulín Colorado* e *El Chavo del Ocho* [que] abriram as portas do mercado internacional à TV mexicana antes mesmos das telenovelas” (BAHR, 2013, p. 10). De acordo com o autor, o próprio Roberto Bolaños corrobora essa informação ao apontar em sua autobiografia que “em 1973, ambos os programas eram transmitidos para quase toda a América Latina, e em todos os países sua popularidade colocavam-nos em primeiro lugar na audiência” (BAHR, 2013, p. 10).

O conglomerado televisivo *Televisa*, que abrigou os programas de Roberto Bolaños a partir de 1973, se confunde com o momento da ampliação da urbanização dos países da América Latina e – como as principais redes de televisão do Brasil à época – se constituiu como quase a única alternativa de recreação para milhões de pessoas que se viram envolvidas no processo de pauperização decorrente da periferização e favelização das grandes cidades mexicanas, principalmente no gigantesco entorno da Cidade do México.

O chamado horário nobre (20:00 às 22:00) das redes de televisão na maioria dos países da América Latina, se consolidou pela veiculação de programas de amenidades, como novelas e programas de humor e variedades, além de noticiário padronizado. No México, os personagens e programas de Bolaños eram os principais produtos oferecidos nos quatro maiores canais da *Televisa* no horário nobre (BAHR, 2013), o que contribuiu com o processo de transformação da cultura urbana mexicana da década de 1970 em diante, profundamente moldada por essa cultura televisiva, chegando a *Televisa* a deter, no final da década de 1970, mais de setenta por cento de *market share* (fatia de audiência total).

2. O seriado Chaves e a realidade social

Se já existem várias tendências consolidadas na historiografia sobre o uso do filme cinematográfico como fonte histórica, há, ainda, poucos trabalhos que buscam fazer a mesma coisa com produtos televisivos como as séries de televisão e as novelas, como forma de se entender a realidade.

No caso brasileiro, um desses trabalhos é o de Esther Hamburger (1998). Buscando entender o alcance da televisão dos lares brasileiros, a autora refez o processo histórico da inserção da televisão no país desde seu surgimento, tendo como fonte privilegiada o modelo de seriado nacional: as novelas.

Para Hamburger (1998), a realidade nem sempre foi representada pelos tipos apresentados nas novelas, ou seja, raramente as pessoas se viam representadas pelas situações ou representantes étnicos que apareciam nas novelas. Apesar disso, a autora afirma que o mérito de uma massificação da televisão, tanto em produtos oferecidos quanto no alcance dos lares em um país tão grande, é que:

A TV capta, expressa e constantemente atualiza as representações de uma comunidade nacional imaginária. Longe de prover interpretações consensuais, ela fornece um repertório comum por meio do qual as pessoas de classes sociais, gerações, sexo e regiões diferentes se posicionam, se situam umas em relação às outras. Ao tornar um repertório comum acessível a cidadãos os mais diversos, a TV sinaliza a possibilidade, ainda que sempre adiada, da integração plena. [...] A televisão oferece a difusão de informações acessíveis a todos sem distinção de pertencimento social, classe social ou região geográfica. [...] **Nesse sentido, a televisão, e a telenovela em particular, é emblemática do surgimento de um novo espaço público, no qual o controle da formação e dos repertórios disponíveis mudou de mãos, deixou de ser monopólio dos intelectuais, políticos e governantes titulares dos postos de comando nas diversas instituições estatais** (HAMBURGER, 1998, p. 441-442, grifos nossos).

Como um formato de seriado ampliado, a telenovela, analisada pela autora, pode servir de modelo para a discussão e análise do seriado Chaves e a forma como este, produzido e difundido em um conglomerado televisivo de massa – a *Televisa* – com uma linguagem popular e tipos populares, cumpriu o papel de ampliar o espaço de discussão a respeito de questões sociais. E não fez isso a partir de um discurso aparentemente politizado, mas pela via do humor.

O formato escolhido se tornou o problema para alguns analistas e pesquisadores do seriado. Silveira (et al, 2012), analisaram o seriado Chaves a partir da perspectiva da crítica da indústria cultural. Desse ponto de vista, defenderam a tese de que o programa, dado o humor e aparente leveza com que as questões sociais foram tratadas, apresentava um conteúdo despolitizante, ou seja, que contribuiria para uma estetização da pobreza sem a discussão a respeito de suas causas e seus efeitos no tecido social.

Fazendo o retrospecto das questões que, ao longo do século XX, produziram no México uma das sociedades mais injustas do planeta, os autores identificaram essa situação como decorrente da dominação ininterrupta de um grupo político, que se prolongou desde 1929, ano da fundação do Partido Nacional

O seriado ganhou sua versão brasileira a partir de 1984, no Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), e continua, até hoje, sendo transmitido e reprisado no Brasil.

Revolucionário (PNR), nome que foi alterado em 1938 para Partido da Revolução Mexicana (PRM) e, em 1946, se tornou o Partido Revolucionário Institucional (PRI), nome que se mantém até hoje.

O governo continuado do PRI não admitia a contestação nem, muito menos, o equilíbrio de poder derivado da alternância de grupos políticos na administração do país. Pelo contrário, o controle do governo se mantinha graças à fórmula de escolha dos presidentes, pela via do “dedazzo”, ou seja, os chefes políticos do partido escolhiam os sucessores, apontando-os para os demais.

O controle do PRI foi tão grande que o partido foi a principal instituição de poder e prestígio na sociedade mexicana. Dizia-se, ao longo dos seus mais de sessenta anos no poder, que “se alguém quer adquirir força política, se quer exercer o poder no México, o primeiro lugar onde pensa em se instalar para fazer carreira não é o Exército, é o PRI. É o sistema político civil” (PAZ apud SILVEIRA et al, 2012, p. 11).

O resultado desse controle absoluto do PRI fez com que o México passasse por fases políticas diferentes ao longo dos anos, mas com resultados sempre desfavoráveis para os mais pobres, com uma dominação sistêmica, restritiva de direitos, repressão política, burocracia paralisante e desigualdade social cada vez maior.

A década de 1970 foi o período em que os problemas sociais mexicanos receberam uma visualização sem precedentes do resto do mundo por conta da Copa do Mundo, que tornou o país vitrine da América Latina. Foi a década em que houve uma piora das condições de vida do povo mexicano, principalmente por conta da desaceleração³ da economia dos EUA, de quem o México era – e ainda é – satélite. Foi a década em que a periferização e favelização ao redor da Cidade do México atingiu o seu clímax, com o correspondente efeito colateral do aumento da criminalidade e tráfico de drogas.

Silveira *et al* (2012), diante desse diagnóstico da situação do México no período de veiculação do seriado Chaves, chegaram à conclusão de que o programa era despolitizado e alienante a partir da constatação de que, na década de 1970,

Em meio à turbulência política, à explosão demográfica e ao processo de urbanização mexicana, fatores cuja soma resulta no processo de pauperização, foi criado o programa de televisão **Chaves**, que mostra bem esse processo de urbanização e pobreza da população mexicana, mas não se refere de modo algum à política ou ao sistema de governo estabelecido (SILVEIRA *et al*, 2012, p. 11).

A crítica dos autores decorre, então, do fato de que não havia no seriado uma crítica específica às questões políticas, nem menções ao partido responsável pela situação do país. Outros analistas, como Costa e Fortuna (2013), distanciam-se do olhar pelo viés da indústria cultural presente na análise de Silveira (et al, 2012), que tratam os telespectadores como meros agentes passivos na recepção de conteúdos. Em sua análise, os telespectadores, como consumidores de conteúdo, não eram passivos, mas agentes:

[...] capazes de criticar positiva ou negativamente, aceitar ou rechaçar, nos identificarmos ou não com o que lemos, ouvimos e/ou vemos. Como receptores, podemos interagir e até influenciar a construção de novos conteúdos a partir dessa interação (COSTA & FORTUNA, 2013, p. 19).

É dessa forma que os telespectadores do seriado Chaves podiam perceber nos episódios a que assistiam e na caracterização dos personagens elementos que os permitiam identificar a própria realidade em que viviam, reagindo a isso de diferentes modos. O conteúdo político do universo do seriado, portanto, mesmo não aludindo diretamente às questões político-partidárias, era baseado nas questões socioeconômicas, percebidas pelos telespectadores, que percebiam “a crítica social presente no programa, bem como seus aspectos identitários” (COSTA & FORTUNA, 2013, p. 20).

Mesmo Chaves sendo uma série de humor, a caracterização dos personagens, os cenários e jogos cenográficos e as histórias contadas possibilitavam aos telespectadores entenderem o mundo em que viviam, na medida em que a periferia representada e os jogos das classes sociais estavam presentes. Nesse caso, a periferia identificava a periferia, os excluídos identificavam os que estavam fragilizados pela desigualdade social crescente nas grandes cidades.

A construção dos personagens é fundamental para a compreensão do universo de Chaves, criado e interpretado por Roberto Bolaños. Para o autor do seriado, um olhar ao redor do mundo possibilitaria a percepção de situações iguais a de Chaves, principalmente nas inúmeras favelas da América Latina, nas quais o cenário da série é baseado. O protagonista, Chaves, não cresce porque passa fome, numa demonstração de um olhar político atento às questões sociais.

Cada um dos demais perfis caracterizados pelos personagens do seriado comportam tipos disponíveis na realidade, evidenciando o conflito de classes permanente em sociedades periféricas tanto no México quanto no Brasil, que podem situar-se temporalmente tanto na década de 1970 quanto atualmente, apesar de

³ A desaceleração da economia americana foi causada, entre outras coisas, pelos dois choques do petróleo, de 1973 e 1979, pelos custos cada vez maiores pela Corrida Armamentista no contexto da Guerra Fria e pela concorrência asiática no mercado de bens manufaturados.

avanços sociais que possam ter havido. No caso, sociedades periféricas que tem, dentro de si, periferias permanentes e que vêm crescendo rapidamente mais do que a taxa de crescimento urbano.

Esses elementos de identificação encontrados no seriado, que transparecem sob o humor e aparente ingenuidade dos personagens e situações apresentadas, é parte do segredo da longevidade da série, tanto no México quanto no Brasil, onde é passado há mais de trinta anos, praticamente com o mesmo nível sucesso, como apontam Costa e Fortuna (2013), argumentando que a razão disso decorre do fato de que:

As críticas presentes nos episódios estudados, embora objetivassem retratar uma sociedade mexicana na década de 70, aplicam-se com muita propriedade à nossa atual organização social: ainda vivemos contrastes, desigualdades e pobreza similares. As organizações de família e relações interpessoais não estão muito distintas, apesar dos episódios terem sido gravados há algumas décadas (COSTA & FORTUNA, 2013, p. 23).

O humor, contribuindo de forma efetiva para a compreensão da realidade, se constitui como um dos canais para o aprofundamento do conhecimento social. A representação da realidade é simples, sem as nuances de um produto sofisticado, destinado a ‘fazer pensar’, mas cumpre o objetivo de apresentar as diferenças de classe e os valores, morais e éticos, das mesmas.

Costa e Fortuna (2013) analisam, ainda, que além dos cenários e dos diálogos das esquetes, o figurino das personagens serve também para se constituir um canal de crítica e reflexão sobre as questões sociais, apontando para a situação econômica e o estrato social da personagem, compondo uma identidade, mesmo que estereotipada.

Os diálogos conversas extraídos do seriado servem para ilustrar as críticas sociais presentes na série. Contudo, cabe-nos ressaltar que as próprias identidades assumidas pelas personagens já configuram uma crítica. Segundo Howart (2006), as ideias mais recentes com relação ao discurso relacionam a fala e a escrita a contextos sociais, portanto, o que as personagens verbalizam reflete o que são e como veem o mundo. Além da oralidade, a maneira como se vestem, gesticulam e se relacionam entre si corrobora o que discursam (COSTA & FORTUNA, 2013, p. 33).

Finalmente, o seriado, ao trazer situações dos dramas comuns das pessoas da periferia, aponta para um cotidiano pouco explorado em ambiente televisivo, mesmo em países em que a maioria dos telespectadores estão localizados nas classes sociais mais baixas, o que leva a duas questões.

A primeira delas aponta para a forma como esses dramas são representados, explorando um convívio conflituoso, mas possível entre os diferentes, rompendo com a forma homogeneizadora como são apresentadas as classes sociais.

Edward P. Thompson (1987, p. 09) já havia demonstrado que a classe “[...] é um fenômeno *histórico*. Não vejo a classe como uma “estrutura”, nem mesmo como uma “categoria”, mas como algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas”. Apesar de ter uma origem econômica, ou seja, definida, a princípio pela posição que o sujeito ocupa nas relações de produção, é a experiência de classe que realmente faz com que os homens e mulheres se identifiquem como pertencentes a uma ou outra classe, pois “[...] a classe é definida pelos homens enquanto vivem sua própria história e, ao final, esta é sua única definição” (p. 12).

No seriado *Chaves* os personagens são representados em meio a conflitos e aproximações, gestos de solidariedade e egoísmo, sensibilidade e ignorância, apesar de, no conjunto, sobressaíam os valores considerados positivos e humanos, como o perdão. Pessoas reais são representadas em situações muito próximas das que vivem.

A segunda questão aponta para a singularidade de que, apesar das questões econômicas subjacentes aos conflitos e dramas da série, evidenciadas de forma ampliada nos figurinos, no cenário e nas relações de embate entre os mais favorecidos e os desfavorecidos economicamente – seu Barriga, por exemplo, em sua eterna luta para receber o aluguel do seu Madruga, escancarando um dos principais problemas da vida urbana contemporânea, que é a questão da moradia – é no campo da cultura que essas diferenças são evidenciadas ou, por outro lado, aparecem diluídas.

Sistemas de pensamento, modos de vida, religiosidade, educação formal versus o conhecimento popular, são temas recorrentes da série, o que:

Na verdade, foram estes ingredientes, aliados à humanização das personagens vivendo experiências de sobrevivência, convívio, conflito e aceitação, que contribuíram para fazer de *Chaves* um sucesso de audiência. A possibilidade de ver na TV o dia-a-dia de pessoas comuns lidando com problemas de pessoas normais, rotineiros, proporcionou êxito à série (COSTA & FORTUNA, 2013, p. 34).

Entender isso tudo é a chave para a compreensão do segredo da longevidade e sucesso do seriado, para além do humor aparentemente ingênuo e de um roteiro bem escrito.

3. O Seriado Chaves e a Questão Urbana: Exclusão e Periferização

Pensar a cidade atual é pensar a forma como foi organizada espacialmente e a forma como os diversos interesses se configuraram no processo. Ao mesmo tempo, significa entender como, social e culturalmente os habitantes tomam (ou tentam tomar) posse dela, construindo relações e buscando atribuir sentidos às diversas formas de se viver na cidade.

Ao analisar o processo de organização da ideia de cidade moderna em Campinas, interior de São Paulo, ainda no século XIX, José Roberto do Amaral Lapa (2008), percebeu a construção quase caricata dos papéis sociais destinados para os diversos grupos da população através da normatização racional dos modos de vida, feitos pelos membros da elite política e econômica,

[...] procurando introduzir padrões e comportamentos que implicam numa racionalização individual e coletiva. [Pois] Não se pode viver impunemente na cidade. É claro que, também, por outra feita, a racionalidade urbana que se impõe a todos se abaterá de maneira diversa sobre os ricos e sobre os pobres. Não há como escapar a essa lógica e à contradição que lhe é inerente (LAPA, 2008, p. 27).

A produção do espaço urbano ao longo do século XIX trouxe consigo a demarcação social dos espaços de vivência e convivência, num esforço de organização social e disciplinarização, a partir de uma relação sempre conflituosa, sintomática das disputas pelo controle econômico, político, social e cultural da nova sociedade em construção.

Do ponto de vista cultural, até mesmo a religião foi alvo das tentativas de controle por parte da elite econômica e política, pois a racionalidade capitalista, de acordo com Renato Ortiz (1998), pretende, com isso, estabelecer uma narrativa do urbano em que consiga “[...] administrar um conjunto de regras e prescrições visando, senão a eliminação, pelo menos o controle das crenças populares” (ORTIZ, 1998, p. 34). O controle da sociedade urbana, dessa forma, une Estado, religião e burguesia, esforçando-se em subjugar as populações mais pobres, atribuindo à “irracionalidade” seus modos de vida e suas práticas religiosas populares.

As transformações da cidade e do viver em cidade, ao longo do século XX, acabaram por fazer com que os modos de vida dos grupos sociais mais pobres entrassem em crise (ORTIZ, 1998, p. 36). Excluídos do campo da cultura e forçados a assumir como seus modos de vida e visões de mundo, também foram excluídos social e espacialmente, na medida em que, ao as cidades passarem pelos processos de crescimento e organização racional capitalista, foram expulsos para os lugares em que ficariam invisíveis, sem representar obstáculos para a especulação imobiliária ou para a crescente especialização e setorização do espaço urbano.

Ruy Moreira (2014) analisa a formação das cidades do ponto de vista demográfico e espacial, e a concebe como um produto do capitalismo industrial, uma continuidade da revolução burguesa.

A cidade que conhecemos no mundo é geograficamente um produto da revolução burguesa e o urbano um produto da revolução popular. É da cidade e da cultura cidadina que a burguesia lança seus olhares e ideários de projetos políticos para o todo da sociedade a revolucionar-se. É dela de onde olha e vê o campo como o território da idiotia, o território da elite rural dominante como uma classe social reacionária. E que urge revolucionar. É assim que a tomada política e a instalação dos aparatos burgueses de Estado na cidade são o ato de instituição da revolução, que daí pelo vetor do ideário se espalha para o campo, transformando política e culturalmente primeiro a cidade e a seguir, economicamente, o todo da sociedade. Assim, surgem a cidade, a sociedade e o Estado burgueses na história, geralmente nessa ordem (MOREIRA, 2014, p. 293).

A lógica da organização espacial acelerada das cidades nos países periféricos afeta, portanto, a forma como e onde os grupos sociais irão viver nessas cidades e como se apossarão geograficamente das mesmas, constituindo um modo próprio de “viver a cidade”. Com o risco de entrar no senso comum, pode-se afirmar, como pressuposto, que são os pobres que irão compor as periferias, geográficas ou simbólicas, pois é a periferia que, como espaço real de habitação e como componente do discurso, segrega ou separa. Nesse caso, a própria produção do urbano se faz já como componente de exclusão, pois num ambiente de segregação urbana: a periferia, a favela ou o cortiço. A ação dos excluídos, portanto, se inscreve nesse espaço, mesmo que, eventualmente estejam presentes em outros lugares, mas não de forma permanente.

Favela ou cortiço, a vila do seriado Chaves pode ser percebida como representativa das distorções das formas de construção do urbano ao longo do século XX e reprodutora das relações sociais e econômicas da cidade emergente que se quer moderna, da qual a cidade do México é representativa.

3.1. O México e a urbanização

Eduardo Bolán (2015) analisou o crescimento da cidade do México como o resultado de um processo histórico desenfreado que tem origem na própria lógica da colonização. Um processo em que a forma de organização espacial seguiu ao mesmo tempo as disposições do terreno e a lógica de exclusão que se reproduz até a atualidade. Afirma o autor que:

Desde a época indígena, a cidade se organizou a partir de marcas simbólicas definidas. A diferença de Teotihuacan (anos 200-800 d. C.) que se traçou a partir de um eixo Norte-Sul, Tenochtitlan se construiu com uma orientação Leste-Oeste deixando atrás de si o templo maior e as águas salgadas do lago de Texcoco; a frente – no Ocidente – a região alta e a água doce da bacia do México. A cidade colonial reproduziu esta marca. As zonas ricas da cidade se foi estendendo pouco a pouco ao Ocidente da metrópole. No século XIX, quando surgiu o proletariado industrial, se estabeleceram assentamentos populares ao Norte e no Oriente da cidade enquanto que o Ocidente continuou sendo a zona eleita pelas elites para construir suas mansões. Não escapava aos observadores esta tendência. O poeta Gutiérrez Nájera escrevia em meados do século XIX: “Rumo ao Oriente ficam os pobres, os tristes, os escravos do trabalho, os que não vem mais nuvens que as grandes lareiras. Os ricos, os felizes, os desocupados, os favorecidos da sorte, ficam em direção ao Ocidente”. [...] No início do século XXI o eixo da pobreza da cidade está marcado por esta antiga linha de separação. Os municípios mais pobres da cidade se localizam no Oriente e ao Norte da cidade, sobre terras baixas que na antiguidade foram o leito do extinto lago, porém na atualidade, na época de chuva, inundam. Nezahualcóyotl, Los Reyes o Chalco, municípios do Oriente da cidade, são o dormitório atual dos setores pobres da cidade, de quem pode adquirir um pedaço de terra de 120 metros quadrados a um custo de 1500 dólares, ou talvez 3000 dólares se as condições do solo forem legais (BOLÁN, 2015, p. 05 – tradução nossa).

Essa forma de distribuição não apenas se manteve como se aprofundou, com as regiões antes destinadas aos pobres e escravos se tornando verdadeiras zonas de exclusão, periferias que, de um lado, pertencem fisicamente à cidade, e do outro, do ponto de vista socioeconômico, completamente separadas. Ciudad Nezahualcóyotl, cidade-dormitório pobre situada a leste da capital, com cerca de 10 mil habitantes em 1957, contava mais de três milhões de pessoas no início dos anos 2000 (DAVIS, 2006, p. 37). E, se ampliar a análise, pode-se perceber que ela compõe um sistema ainda maior de aglomerados periféricos pobres dos arredores da cidade do México, chamado Neza/Chalco/Izta, compreendendo, ao todo, cerca de quinze localidades da região a leste da capital, que, juntas, são o maior complexo de favelas⁴ do mundo (DAVIS, 2006, p. 38).

Anna Emília Barbosa (2009) aponta que o processo de produção da segregação nas cidades não é um fenômeno apenas da cidade do México, mas que é parte do processo de crescimento do modelo capitalista de produção econômica, fazendo com que as cidades industriais modernas intensificassem a tendência à organização espacial, não apenas dos modos de produção econômica, mas, principalmente, dos hábitos de moradia das classes sociais.

Nas cidades, a periferação foi resquício do período de desenvolvimento da indústria. Este processo, entretanto, resultou numa negação ao uso da cidade por parte dos seus moradores mais pobres, pois a população residente na periferia restringiu-se apenas a habitar uma parcela da cidade que, em geral, é marcada por uma série de problemas, como serviços, equipamentos e infra-estrutura insuficientes para a demanda populacional (BARBOSA, 2009, p. 27).

Essa constatação da autora vai ao encontro da visão de Engels (1988), que, ainda no século XIX, observara o mesmo processo em relação às cidades industriais inglesas. Para o autor inglês, a industrialização crescente das cidades teve como efeitos colaterais o inchaço populacional e, com isso, a especulação imobiliária, expulsando os pobres para locais de habitação precária, geralmente nas periferias das cidades. Quanto mais avançava o processo de industrialização capitalista, mais os trabalhadores iam:

[...] sendo empurrados do centro das grandes cidades para a periferia, que as residências operárias e as pequenas residências em geral vão se tornando raras e caras e muitas vezes é mesmo impossível encontrá-las, pois nestas condições a indústria da construção, à qual as residências de aluguel elevado oferecem um campo de especulação muito melhor, excepcionalmente construirá residências operárias (ENGELS, 1988, p.18).

Mesmo que a exclusão social seja a característica comum a todos os aglomerados urbanos periféricos, nem todos os complexos periféricos são iguais.

⁴ Para este trabalho foi adotado o termo “periferia”, tanto pelo significado simbólico que encerra, quanto pelo fato de que, geralmente, é amplo o bastante para incluir todas as formações excludentes da população pobre em vários países do mundo, como o livro de Davis (2006) constata. Como forma de acrescentar elementos para fundamentar a afirmação, Barbosa (2009, p. 40-41) analisa que “As favelas são consideradas por Haesbaert (2006) como territórios onde se constituem “aglomerados de exclusão”, apesar de formar “uma espécie de “amontoados” humanos, instáveis, inseguros e geralmente imprevisíveis na sua dinâmica de exclusão” (HAESBAERT, 2004 apud FIGUEIREDO, 2007, p.58). Haesbaert (2006, p. 327) complementa a caracterização de favela ressaltando sua “condição complexa e dinâmica, mesclada sempre com outras situações, menos instáveis, através das quais os excluídos tentam a todo instante se firmar (se reterritorializar). Estes aglomerados são espaços onde as populações excluídas tentam se refugiar. Na verdade, acredita-se que estas pessoas são incluídas precariamente no mercado imobiliário, devido a sua impossibilidade de pagar por uma habitação adequada”.

María Ana Portal (2015), em estudo em que refletiu sobre os espaços públicos de sociabilidade nas comunidades periféricas, identificou, pelo menos, quatro tipos diferentes de aglomerações periféricas presentes na cidade do México e região metropolitana.

a) *Pueblos*

Para a autora, os *pueblos* têm como característica básica o fato de serem habitados, em sua maioria, por populações de origem indígena, o que faz com que essas comunidades sejam as mais antigas, não apenas na cidade do México, como também em todo o país.

No caso dos *pueblos* encravados na cidade (cerca de 117, embora os números variem), embora alguns deles tenham uma origem pré-hispânica, a maioria são produtos de congregações indianas nos tempos coloniais. Eles geralmente estão localizados nas encostas que cercam a bacia do México, embora também haja alguns nas áreas centrais (PORTAL, 2015, p. 06 – tradução nossa).

No caso da própria capital do país, são as povoações periféricas em maior número, mesmo que não sejam as que comportem o maior número de pessoas.

b) *Barrios*

Os *Barrios* são, provavelmente, aqueles que mais se aproximam do conceito de periferia quando analisados do ponto de vista temporal, ou seja, os que, pelo menos em relação ao México, compõem a mais tempo a face da desigualdade. Isto porque, são os que, desde a época colonial, fizeram parte da organização espacial da cidade do México, como foi analisado mais acima, como os locais de habitação das camadas populares mais pobres, em sua maioria se localizando a leste e sul da capital, destinados a servirem como locais de moradia das populações pobres.

Portanto, são os *barrios* mexicanos, mesmo nos períodos coloniais, os representantes máximos da periferia naquele país, desde sempre refletindo a lógica da exclusão social que se tornará a marca da industrialização capitalista no século XX, por isso mesmo se tornando os locais mais populosos da cidade, ao mesmo tempo em que se constituem em focos de resistência à organização racional e às tentativas de se criar uma cultura homogênea e hegemônica.

Apesar da descrição de um tipo específico de aglomeração como próprio da definição de um *barrio*, a própria autora reconhece que as especificidades de cada *barrio* impedem a construção de uma tipologia única. Segundo ela,

Definir uma *barrio* é uma tarefa altamente complicada na Cidade do México, uma vez que existem diferentes tipos de *barrio* que correspondem a diferentes momentos históricos. Articulam os conceitos hegemônicos impostos durante a conquista do conceito indígena de *calpulli*. De fato, a cidade indígena foi organizada a partir de um centro a partir do qual quatro *calpullis* se estendiam à maneira dos quatro pontos cardeais. Este esquema construtivo traduzido pelos espanhóis como um *barrio*, gerando diferentes tipos de *barrios* que atingem hoje causando alguma confusão: há *barrios* de origem colonial, alguns localizados no centro da cidade e que foram construídas sobre as ruínas da antiga *calpullis*; há *barrios* coloniais nas periferias que faziam parte das aldeias que cercavam a cidade e que coexistiam ao lado dos *barrios* indígenas; devemos também distingui-los dos *barrios* que existem dentro das cidades urbanas (que tinham uma estrutura arquitetônica similar à cidade asteca, dividida em *calpullis*); e finalmente os *barrios* da classe operária que nascem no século XIX articulados às fábricas (PORTAL, 2015, p. 08 – tradução nossa).

Em relação ao objeto deste trabalho, a vila cenográfica do seriado Chaves pode ser interpretada como uma representação de uma comunidade periférica que tanto pode ser vista como um *barrio*, quanto como uma colônia popular – a qual será analisada em seguida – tanto por suas características de crescimento desordenado, passando à margem das tentativas de disciplinarização do poder público, como pelas próprias características de seus habitantes, convivendo lado a lado vários graus de pobreza.

c) *Colônias Populares*

As colônias populares podem ser entendidas como locais nos arredores das grandes cidades em que contingentes de populações pobres se instalaram, em busca de melhores condições de vida. De certo modo, tem uma proximidade com as descrições do *barrio*, mas tem, como singularidade, o fato de que geralmente é o resultado da ocupação, sendo, portanto, motivo de insegurança permanente quanto à permanência de seus habitantes, pela situação ilegal da posse da terra.

María Ana Portal (2015) relaciona o surgimento das colônias populares ao crescimento urbano provocado pelo êxodo urbano do modelo de urbanização industrial burguesa do século XX, sendo exemplo das distorções excludentes produzidas pelo modelo de sociedade resultante. Como afirma:

São assentamentos mais recentes, produtos do crescimento urbano, caracterizados por uma grande mobilidade social de seus habitantes. Eles são o produto da urbanização de camadas pobres da população e da escassez de terras onde a expansão continua para esses setores que foram empurrados

para a periferia da cidade. Sua aparência é produto de processos sociais e econômicos de meados deste século, onde grupos de excluídos tentaram construir um lar, em terrenos inóspitos, por vezes improdutivos ou com condições geológicas difíceis – como no caso das pedreiras do sul cuja urbanização implicava um custo pouco lucrativo para as empresas imobiliárias. Em termos gerais, caracterizam-se por favorecer, em um território relativamente pequeno, à concentração de moradias construídas por eles mesmos (PORTAL, 2015, p. 11 – tradução nossa).

Tal como os *barrios*, as colônias populares são caracterizadas, também, pelas construções desordenadas, tendo como agravante o fato da ausência quase absoluta de equipamentos estatais, como o saneamento urbano, eletricidade legalizada, postos de saúde ou escolas, o que as coloca no mesmo patamar das favelas da realidade brasileira, inclusive em relação à sua estética arquitetônica, como a imagem abaixo permite perceber.

d) *Colônias residenciais*

O último tipo de aglomeração periférica presente na paisagem urbana mexicana é designado por María Ana Portal (2015) como colônias residenciais. Sua principal especificação é que é resultante direto do crescimento das cidades industrializadas da segunda metade do século XX em toda a América Latina, sendo conhecidas, no Brasil, pelo termo de “cidades dormitórios”.

Sua condição periférica resulta, primeiro, do fato de se constituírem em espaços urbanos com urbanização relativa, fora dos grandes centros, ou, às vezes, em entroncamentos rodoviários ou ferroviários, próximos de cidades industriais. Segundo, sua condição periférica pode ser resultado de, mesmo geograficamente dentro de cidades industriais, se constituírem de ilhas de urbanização em meio à pobreza disseminada ou com o entorno inóspito, representando, praticamente, as formas de ocupação mais recente que avança pelo cinturão rural das margens das grandes cidades. Terceiro, podem ser analisadas como a tentativa de se criarem verdadeiras cidades dentro das cidades, na medida em que se busca criar uma estrutura de serviços quase autossuficiente, de modo a manter as populações dessas formações urbanas na própria região, evitando o inchaço dos bairros ou regiões mais antigas.

De certo modo as colônias residenciais afastam-se dos tipos mais comuns de periferia, na medida em que, normalmente, são compostas por uma classe média ou emergente, reproduzindo a ideia de subúrbio americano. Mesmo assim, por mais que a condição social dos habitantes desses grupamentos urbanos seja diferenciada, ainda assim eles são representativos da segregação que as classes econômicas e sociais tradicionais produzem, separando e enquadrando aqueles que não fazem parte de seu grupo.

Nesse caso, a ideia de exclusivismo que esses projetos habitacionais emergentes carregam, na verdade mascara o fato de que outros elementos, como a especulação imobiliária, impedem que mesmo os membros das novas classes médias, os emergentes, disponham de recursos suficientes para residir entre os de posição social consolidada. Isso quando eles mesmos foram vítimas dessa especulação imobiliária, expulsos de seus locais originais de habitação. Portal (2015) aponta ser este modelo de aglomeração urbana um produto direto dos projetos de racionalização neoliberal da organização das cidades, ampliando o escopo da exclusão social:

Nesse mosaico urbano, encontramos um tipo de assentamento que contrasta nitidamente com os três anteriores, embora possam estar localizados em territórios contíguos. Existem diferentes tipos de áreas residenciais, embora aqui eu me refiro apenas àquelas localizadas nas periferias da cidade, já que aquelas localizadas no centro da mesma respondem a diferentes dinâmicas imersas em um projeto de cidade claramente neoliberal (PORTAL, 2015, p. 12 – tradução nossa).

Como se vê, a ideia de periferia no México pode ser representada por diversos tipos de comunidades ou aglomerações suburbanas. Em todas, porém, se percebe a segregação, a exclusão socioeconômica, na maioria das vezes pela própria ação do Estado que, como afirma Barbosa (2009, p. 31), “atua em favor dos interesses da elite, instalando melhorias em seus bairros e afastando as favelas para a periferia, muitas vezes em locais sem as mínimas condições de moradia”.

No seriado Chaves é possível observar que a modernização urbana praticamente não atingiu os habitantes da periferia. De fato, de acordo com Singer, “os serviços urbanos se irradiam do centro à periferia, tornando-se cada vez mais escassos à medida que a distância do centro aumenta” (apud Barbosa, 2009, p. 30). Entre esses serviços, pode-se destacar três deles.

Em primeiro lugar, os serviços de saneamento básico. Izazola e Carmo (2004), ao comparar os problemas ambientais nas metrópoles de São Paulo e México, demonstraram que o crescimento acelerado na segunda metade do século XX não foi acompanhado por melhorias na qualidade de vida dos moradores. Afirmam os autores que o processo de urbanização e industrialização acelerada

[...] originaram problemas ambientais também semelhantes, relacionados com a má qualidade do ar, com a disposição inadequada do lixo urbano e com o gerenciamento da água, que é uma das principais questões ambientais enfrentadas na atualidade (IZAZOLA & CARMO, 2004, p. 02).

No caso específico do México – que, de acordo com Izazola e Carmo (2004), no ano 2000 ainda mantinha mais de quarenta por cento da população do país sem acesso à água tratada e a coleta e tratamento de esgotos – a situação na periferia da capital era muito pior, fazendo com que mais da metade dos habitantes dos gigantescos aglomerados humanos periféricos sofressem com os problemas causados pela falta de saneamento básico. Se a situação nos anos 2000 era essa, pode-se entender que na década de 1970 deveria ser muito pior.

Em segundo lugar, a ausência de equipamentos públicos, de saúde, educação e cultura. Fernandes e Mata (2015) ao se referirem à periferia, preferem analisá-la do ponto de vista simbólico, em contraposição a interpretações que o fazem a partir da distância ou “disposição espacial em relação ao centro” (FERNANDES & MATA, 2015, p. 03). Nesse olhar, os espaços periféricos podem ser encontrados mesmo ao lado de regiões consideradas centrais. Nesse sentido, para os autores, a ideia de periferia,

Não indicando distância, indicaria ausência – desde logo, de recursos materiais, posto que constituída maioritariamente por populações economicamente desfavorecidas. São assim múltiplas as referências à [falta de] qualidade do alojamento, dos espaços envolventes, de equipamentos, de serviços, de formas de associativismo, de transportes, de escola [...]. Mas também as referências à falta dum estilo de vida realmente urbano, marcado por um padrão de conforto e de acesso aos recursos (FERNANDES & MATA, 2015, p. 03).

Maria Carolina Vasconcelos e Oliveira (2015), alerta que, em relação à cultura, não se pode generalizar a respeito de sua maior ou menor inserção nas periferias da cidade do México. No entanto, apontando para um estudo de caso desenvolvido por outra pesquisadora no início dos anos 2010, envolvendo uma comunidade específica, “Iztapalapa, delegação periférica com cerca de 3 milhões de habitantes, praticamente inexitem teatros, museus e bibliotecas. [...] mais de 80% da população está distante da infraestrutura de equipamentos culturais da cidade” (VASCONCELOS-OLIVEIRA, 2015, p. 141). Mesmo sem generalizar, pode-se tomar essa situação específica como representativa da ausência do Estado nessas comunidades, um padrão que se repete em outras cidades e países.

Em relação à educação nas periferias da cidade do México, Gonzalo Saraví (2008) aponta para três problemas distintos: a deserção (evasão) escolar alarmante, que faz com que mais da metade dos alunos do ensino médio abandonem a escola antes de completar os estudos; a falta de equipamentos educacionais, não dando oportunidade a todos as crianças e adolescentes serem matriculados; e, por fim, à disparidade do tipo de escola entre as regiões periféricas e as zonas centrais. A escola resultante desses problemas limitadores, Saraví (2008) chama de limitada, num sentido amplo, que abarca desde a própria ausência física da escola até os limites das possibilidades que a escola tem para resolver o problema da segregação, da exclusão social.

Em relação aos equipamentos de saúde, o mesmo estudo de Saraví (2008) contribui para entender a realidade das comunidades periféricas da região metropolitana da cidade do México. Segundo o autor, as povoações e municípios periféricos da região mais pobre da zona metropolitana, situada a leste da cidade – como já apontado acima – em termos econômicos apresentam índices parecidos, mas disparidades quando o assunto são os equipamentos de saúde. Um exemplo é o município Benito Juarez, onde “58,0% de seus habitantes usufruem de algum serviço de saúde, enquanto que em Valle de Chalco, menos de um terço dos habitantes (31,4%) se encontra na mesma situação, e a grande maioria da sua população não tem serviço de saúde” (SARAVÍ, 2008, p. 197).

Mesmo essa situação de contraste aponta para a baixa instalação de serviços de saúde, pois, no exemplo mais positivo (Benito Juarez) significa ainda que mais de quarenta por cento da população não tem acesso a nenhum serviço de saúde. Se tomada pela média entre as duas situações contrastantes, pode-se afirmar que, nas periferias pobres da cidade do México, pelo menos a metade da população não tem acesso a serviços de saúde, o que representa mais de cinco milhões de pessoas.

O terceiro serviço fundamental que representa a presença do Estado diz respeito aos transportes. Sobre isso, dois problemas devem ser levados em consideração. Em primeiro lugar, a distância entre as regiões periféricas e a região central, obrigando os moradores a fazer verdadeiras viagens diariamente para trabalhar ou estudar, numa verdadeira migração pendular diária. Benitez e Rodriguez (2015) apontam que, devido às grandes distâncias entre a região central da cidade do México e os municípios periféricos, mais de cinco milhões de pessoas tem que se deslocar diariamente, às vezes por mais de três horas diárias, tomando, em média, 3,5 tipos de transportes todos os dias, o que inclui trem, metrô, ônibus, micro-ônibus, kombis e vans, carros de passeio, motocicletas e bicicletas. Muitos desses transportes são clandestinos, mas mesmo assim, segundo os autores, entre “[...] 15% e 18% dos deslocamentos são realizados exclusivamente a pé no Distrito Federal. Na maioria dos casos, realizados por crianças, jovens, mulheres e idosos” (BENITEZ & RODRIGUEZ, 2015, s/p – grifos dos autores).

O segundo problema diz respeito à própria necessidade de deslocamento das populações periféricas. Se a maioria do trabalho bem remunerado se encontra na região central, isso significa que não há uma política

de desenvolvimento econômico regional eficiente que possa fixar essas pessoas em suas regiões. Maritza Urteaga Pozo (2014) aponta que, na maioria das regiões periféricas da cidade do México, o que prolifera são subempregos, de baixa remuneração, ou, em outros casos, temporários, fazendo com que, principalmente os jovens, se tornem reféns de uma grande rotatividade no mercado de trabalho local, se não quiserem fazer o deslocamento para o centro da capital mexicana.

Segregação espacial, exclusão socioeconômica da periferia, presentes tanto na metrópole mexicana quanto nas demais metrópoles de países emergentes, devem ser vistas, portanto, como sintoma do conflito de classes estabelecido desde o surgimento do capitalismo, mas que foram exacerbados com a ampliação da urbanização na segunda metade do século XX.

4. Considerações Finais

O presente texto analisou as questões sociais, culturais, econômicas e políticas da ampliação da urbanização nas grandes cidades da América Latina na segunda metade do século XX, partindo da realidade da cidade do México e tendo como fonte o seriado Chaves, que esteve no ar inicialmente na televisão mexicana, ao longo da década de 1970 e, posteriormente, em vários países, incluindo o Brasil.

As questões sociais – das quais se pôde elencar conflitos de classes sociais, desigualdade, exclusão, favelização, periferização – frutos da forma como o México e demais países da América Latina conduziram seu processo de industrialização e urbanização, se tornaram mais agravantes pela questão da desestrutura social, econômica e política que o México viveu.

O seriado Chaves, a partir desse ponto de vista, refletiu não apenas os posicionamentos ideológicos e políticos do autor, Roberto Bolaños, mas, também, a própria realidade social, ao apresentar um cenário da exclusão – uma vila de periferia – e personagens que estavam à margem da sociedade, como viúvas, desempregados, crianças de rua e a opressão capitalista representada pela figura do proprietário.

Dessa forma, buscou-se mostrar que o seriado Chaves esteve em sintonia com o seu tempo histórico, apresentando os problemas de crescimento demográfico e da urbanização rápida, que produziram a exclusão, a pobreza e o desemprego, a submoradia nas favelas e periferias. Através da moldura da cidade grande e cosmopolita, sobressai a ausência de um modo de vida realmente urbano – no sentido do acesso e do direito à cidade – prevalecendo a desigualdade e a exclusão.

Conclui-se que o seriado Chaves fornece subsídios importantes para a análise da realidade de seu tempo e lugar, tanto do ponto de vista social e econômico quanto do político, já que o humor de conteúdo social é, por si só, profundamente politizado.

5. Referências

BAHR, Michael. El Chavo del Ocho: o amuleto do SBT. **9º Encontro Nacional de História da Mídia**, 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual/el-chavo-del-ocho-o-amuleto-do-sbt>. Acesso em 12 de jul. 2018.

BARBOSA, Anna Emília Maciel. **Questão da habitação**: territórios, poder e sujeitos sociais no Conjunto Vila Velha, Fortaleza, Ceará. 183p. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Geografia), Centro de Ciências e Tecnologia. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, 2009.

BENITEZ, B. N.; RODRIGUEZ, J. R. H. O novo marco jurídico da mobilidade na Cidade do México. **IVM Cidade em Movimento**, 2015. Disponível em <http://cidadeemovimento.org/a-mobilidade-na-cidade-do-mexico-e-o-marco-juridico-da-mobilidade/>. Acesso em 26 de jun. 2018.

BOLÁN, Eduardo Nivón La Ciudad de México vista desde la periferia o la ingobernabilidad de la megalópolis. **Ponto Urbe – Revista do núcleo de antropologia urbana da USP** 18/2015. Disponível em: <http://pontourbe.revues.org/3063>. Acesso em 26 de jun. 2018.

CORREA, R. L. **O espaço urbano**. Editora Ática, Série Princípios, 3 ed., n. 174, 1995.

COSTA, D. M.; FORTUNA, D. R. O Programa do Chaves: crítica social e identidade. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**. Número XXXVIII 2013. Disponível em www.unigranrio.br. Acesso em 16 de jul. 2018.

DAVIS, Mike. **Planeta Favela**. São Paulo: Boitempo, 2006.

FERNANDES, L.; MATA, S. Viver nas “Periferias Desqualificadas”: Do que diz a Literatura às Percepções de Interventores Comunitários. **Ponto Urbe – Revista do núcleo de antropologia urbana da USP** 16/2015. Disponível em <http://pontourbe.revues.org/2658>. Acesso em 28 de jun. 2018.

- FIGUEIREDO, M. da P. C. Algumas notas sobre os conceitos de exclusão e desterritorialização. In: BEZERRA, A.C.A.; GONÇALVES, C.U.; NASCIMENTO, F.R. do; ARRAIS, T.A. (orgs). **Itinerários Geográficos**. Niterói: EdUFF, 2007.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: Do fim dos territórios a multiterritorialidade**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- HAMBURGER, Esther. Diluindo Fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. In: NOVAIS, F.; SCHWARCZ, L. M. **História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade – vol. 4**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998 p. 440-487.
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- IZAZOLA, Haydea; CARMO, R. L. México e São Paulo: expansão metropolitana, desigualdade social e a questão da água. **I Congresso da Associação Latino Americana de População, ALAP**, realizado em Caxambu - MG – Brasil, de 18- 20 de Setembro de 2004. Disponível em: http://www.alapop.org/alap/images/PDF/ALAP2004_258.pdf. Acesso em 29 de jun. 2018.
- LAPA, José Roberto do Amaral. **A Cidade: os cantos e os antros: Campinas, 1850-1900**. São Paulo, SP: Editora da USP; Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.
- MARTIN-BARBÉRO, Jesus. **Dos meios às mediações - Comunicação, cultura e Hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.
- MOREIRA, Ruy. **A formação espacial brasileira: contribuição crítica aos fundamentos espaciais da geografia do Brasil**, 2ª ed. Rio de Janeiro: Consequências, 2014.
- ORTIZ, Renato. **Cultura e Modernidade: A França no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- PORTAL, María Ana. Espacios públicos diferenciados en la Ciudad de México: una mirada desde el lugar. **Ponto Urbe – Revista do núcleo de antropologia urbana da USP** 18/2015. Disponível em: <http://pontourbe.revues.org/3092>. Acesso em 26 de jun. 2018.
- POZO, Maritza Urteaga Castro. Como os jovens habitam a cidade do México: Diferença e desigualdade. **Desidades**, Rio de Janeiro, v. 3, p. 9-18, 2014. Disponível em: [//pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2318-92822014000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2318-92822014000200002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 18 jul. 2018.
- SARAVÍ, Gonzalo Saraví. Segregação urbana, sociabilidade e escola na Cidade do México: a coexistência de mundos isolados. In: QUEIROZ, Luiz Cesar de; KATZMAN, Ruben. **A cidade contra a escola? segregação urbana e desigualdades educacionais em grandes cidades da América Latina**. Rio de Janeiro: Letra Capital: FAPERJ; Montevideu, Uruguai: IPPES, 2008.
- SILVEIRA, Aline; WLINGER, Camila Gonçalves; SILVA, Mauro Sérgio. O seriado Chaves: da alienação à manipulação do povo mexicano durante as décadas de 1970 e 1980. **História em Curso**, v. 2, n. 2, p. 9-18, 2012. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/historiaemcurso/article/view/3449>. Acesso em 16 de jul. 2018.
- THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**, vol. I – a árvore da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- VASCONCELOS-OLIVEIRA, Maria Carolina. Cultura e promoção de cidadania nas periferias da Cidade do México: o caso das fábricas de artes y ofícios. **Políticas Culturais em Revista**, 1(8), p. 136-152, 2015. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/pculturais/article/viewFile/13419/9754>. Acesso em 18 de jul. 2018.

Recebido em 29/03/2019

Aceito em 18/09/2019